

AVALIAÇÃO: UM DIÁLOGO TEÓRICO

Andréia RAMALHO¹

Prof.^a. Especialista Isabella NATAL

RESUMO

O presente artigo desenvolveu-se por meio de reflexão sobre a avaliação no processo de ensino-aprendizagem. Selecionando os principais autores e suas reflexões teóricas sobre o tema, levamos em consideração os diversos instrumentos avaliativos que deveriam ser utilizados pelos educadores por meio de uma prática educacional planejada. Muitos professores utilizam os métodos tradicionais, como as provas escritas, de forma insatisfatória, deturpando assim a finalidade da avaliação. Buscamos analisar as diferentes formas de avaliar e as mudanças que vêm ocorrendo com uma “nova” postura do educador frente à utilização dos instrumentos de avaliação, a fim de demonstrar que não basta avaliar, mas que é necessário saber avaliar; em uma prática avaliativa equilibrada, para a qual o educador deve dispor de conhecimento teórico profundo sobre a disciplina, conhecimentos que lhe permitam estabelecer relações entre a resposta e a área de conhecimento avaliada; precisa estar em constante formação, pois se espera dele, diante das dificuldades encontradas no processo de aprendizagem, uma versatilidade didática. O educando deve ter consciência do caminho que percorrerá e as formas de aprendizagem que lhe são possíveis. Procurou-se também repensar a importância da família na construção do processo ensino-aprendizagem, no contexto da avaliação da aprendizagem. A avaliação tem como objetivo direcionar o caminho mais adequado para educador e educando seguirem, com propósito de alcançar o sucesso no processo ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE

Avaliação; Planejamento; Ensino-Aprendizagem.

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo desvelar os novos caminhos que vem trilhando a avaliação no processo ensino-aprendizagem na educação do século XXI, tomando como base bibliográfica autores como Vasco Pedro Moretto (2010), Jussara Hoffmann (2014), Philippe Perrenoud (1999), Cipriano Luckesi (2004) e Bernardete Gatti (2003).

Procuraremos analisar as diferentes formas de avaliar e as mudanças que vêm ocorrendo com uma “nova” postura do educador frente à utilização dos instrumentos de

¹ Graduanda em Pedagogia – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré - SP – Brasil – andreia-ramalho@ig.com.br.

avaliação, a fim de demonstrar que não basta avaliar, mas que é necessário saber avaliar, isto é, praticar uma avaliação que busque o desenvolvimento das competências e habilidades do aluno, que lhe desenvolva a capacidade de estabelecer relações entre o conteúdo ensinado em sala de aula e a prática no seu contexto social.

Muitos professores utilizam os métodos tradicionais, as provas como instrumento de punição do aluno pelo seu insatisfatório desempenho, deturpando assim sua lúdica finalidade, sendo que um processo verdadeiramente avaliativo deve ser construtivo. Nas palavras de Luckesi, o docente “necessita de compreender o que é avaliar e, ao mesmo tempo, praticar essa compreensão no cotidiano escolar.” (LUCKESI, 2004, p. 4-6).

Atualmente, muito se tem refletido sobre o tema “Avaliação”, devido à constante busca por processos avaliativos mais justos, para uma escola inovadora e dinâmica capaz de atuar na sociedade intervindo na realidade de maneira crítica e reflexiva. Nas palavras de Hoffmann, busca-se uma avaliação “com a intenção de promover o desenvolvimento moral e intelectual dos alunos, tornando-os críticos e participativos, inseridos no seu contexto social e político.” (HOFFMANN, 2014 p. 31).

A realidade de muitas escolas ainda é da utilização desses instrumentos tradicionais de avaliação, como as provas, para simplesmente averiguar a capacidade de memorização dos alunos dos conceitos e fatos; são levados a reproduzir aquilo que seu professor transmitiu sem ao menos ter significado para a própria realidade.

Nos dias atuais, já se nota a necessidade do aluno em contextualizar, estabelecer relações entre o que se aprende e a sua realidade. Essa é a aprendizagem significativa, fazendo assim com que haja sentido naquilo que está aprendendo. “Para trabalhar com avaliação não necessitamos de mudar nossos instrumentos necessitamos de mudar nossa postura.” (LUCKESI, 2005). Cabe ao educador essa mudança de conceito, pois é preciso estabelecer objetivos e traçar metas, preparando-se estrategicamente.

2. A Relação entre Prova e Família.

Em relação à família, talvez a prova escrita tradicional seja a maior conexão com o controle que os pais tenham em relação a seus filhos no âmbito escolar. Por meio desses resultados, acreditam ter a noção de como seus filhos estão no processo de aprendizagem, sem ao menos importar-se com o que realmente seu filho tenha aprendido: o que vale é a nota. “No entanto, apenas análise de notas não é garantia de sucesso.” (MORETTO, 2010, p. 16).

Nas escolas, ainda é muitas vezes questionável a parcialidade dos professores na escolha dos instrumentos avaliativos para atribuição de notas aos alunos, mesmo quando são direcionados a seguirem determinados métodos de avaliação. “Há sempre um grau de subjetividade que atua no processo e isto nem sempre é objeto de reflexão por parte do professor” (GATTI, 2003, p. 101).

O que se busca não é a anulação dessa concepção, mas deixar claro a necessidade da ressignificação constante.

A avaliação em um contexto histórico ainda é relacionada à forma de medir, quantificar o rendimento escolar. Avaliar não é medir:

A medida, em educação, deve resguardar o seu significado essencial de ser apenas um indicador de acertos e erros. Esse indicador passa a adquirir sentido a partir da interpretação pelo professor do que ele verdadeiramente representa quanto ao desenvolvimento dos alunos nas diferentes áreas do conhecimento. Consiste, dentre outras, em uma ferramenta de observação. (HOFFMANN, 2014, p. 70).

O processo de avaliação pode permitir à família conhecer outros aspectos da criança, como suas dificuldades no processo ensino-aprendizagem, seu interesse pelos estudos e suas possibilidades de avançar para etapa seguinte.

Elas sabem contestar certas tabelas ou certas correções, fazer contato com o professor para melhor compreender as razões de eventuais dificuldades e intervir junto à criança e, sobretudo utilizar as notas ou as apropriações qualitativas para modular a pressão que exercem sobre os deveres e, mais geralmente, o sono, as saídas, o tempo livre, as atitudes de seu filho. (PERRENOUD, 1999, p. 147)

Avaliação, em uma perspectiva construtivista, propõe uma nova relação entre aluno e professor, sendo que o aluno não é mais simples receptor, ele constrói seu próprio conhecimento e tem o professor como mediador dessa construção. “Catalisar, mediar, facilitar são palavras que indicam o novo papel do docente no processo de interação com o aluno.” (MORETTO, 2010, p. 118).

3. Instrumento Tradicional Avaliativo: Prova.

A avaliação é essencial à educação quando entendida como processo de questionamento, de reflexão sobre a ação. “A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Um processo interativo, por meio do qual alunos e professores aprendem sobre si mesmo e sobre a realidade escolar no ato da avaliação” (HOFFMANN, 2014, p. 24).

A Lei de Diretrizes da Educação, Lei nº 9.394 de 1996, nos instrui que a avaliação deve ser de forma contínua e cumulativa e privilegiar aspectos qualitativos sobre os quantitativos (BRASIL, 1996). A avaliação deve ser um processo permanente, de modo a observar a evolução cognitiva do aluno nas atividades aplicadas frequentemente pelo professor na sala de aula.

As provas sempre tiveram como objetivo indicar se o aluno atingiu certo nível de desenvolvimento cognitivo esperado. Caso não tenha atingido, será reprovado, o que implica na exclusão do grupo dos que “não sabem” este ou aquele conteúdo. Nota-se que as provas, anteriores a concepção construtivista, pontualmente somativas, não tinham por objetivo auxiliar em medidas de superação das dificuldades, quando na verdade sua finalidade deveria ser diagnosticar qual é o déficit do aluno e tomar decisões de como ajudar a superar.

A avaliação somativa, conhecida também como cumulativa, é analisada como o método pelo qual se mantém a utilização das provas e testes para medir a capacidade do aluno, de forma a classificar, certificar a aprendizagem, pois o resultado que for obtido é o que prevalecerá, estabelecendo assim o nível de conhecimento. (MARIANO, 2017, p.7)

Diante da perspectiva construtivista, a avaliação deve estar relacionada com a prática diária do professor e atrelada ao aprendizado do aluno, se não for dessa forma, não é coerente.

Em uma prática avaliativa equilibrada, o professor dispõe de conhecimento teórico profundo e detalhado sobre a disciplina, conhecimentos que lhe permitam estabelecer relações entre a resposta formulada pelo aluno e a base científica de determinada área do conhecimento.

Visão essa que lhe permite vislumbrar novas questões e possibilidades de investigação a serem sugeridas para o educando a partir das quais se dará a continuidade e o aprofundamento das noções em estudo. A avaliação, então, deixará de ser momento terminal do processo educativo (como ainda é concebida) para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento. (HOFFMANN, 2014, p.27-28).

Nessa perspectiva, cabe ao professor conhecer seus alunos em âmbito social e cultural, pois sua prática enquanto educador contribui a sua formação plena: “Não é imperioso que o professor conheça um por um os alunos, mas que saiba das características do grupo como um todo”. (MORETTO, 2010, p. 53)

Segundo Moretto (2010, p. 32), é preciso “criar um contexto de aprendizagem no qual ele aprenda a administrar suas emoções, no qual ele se motive para o aprender, no qual

ele sinta que, junto com seu mundo intelectual, seu mundo emocional é envolvido e cresce continuamente.” Diante disso, não podemos desconsiderar o impacto emocional que as tradicionais provas escritas causam nos estudantes.

As transformações no campo da avaliação dependem mais do que de uma nova postura dos professores. Nas palavras de Perrenoud, “Por vezes, efetivos sobrecarregados impedem qualquer mudança” (PERRENOUD, 1999, p.149). Sendo assim, a burocracia que os educadores enfrentam diariamente reduz o tempo destinado ao desenvolvimento do aluno.

Observa-se a necessidade de uma dinamicidade da prática pedagógica, devido às transformações na relação professor-aluno, movidas por gradativos avanços que atingem o homem em sociedade.

A mudança das práticas de avaliação é então acompanhada por uma transformação do ensino, da gestão da aula, do cuidado com os alunos em dificuldade. Entre momentos de apoio – interno ou externo – e verdadeiras pedagogias diferenciadas, há todo o tipo de organizações intermediárias, mais ou menos ambiciosas. (PERRENOUD, 1999, p. 149)

4. Avaliação Formativa, Diagnóstica, Somativa e a Diversificação dos Instrumentos Avaliativos.

“A diversificação dos instrumentos avaliativos tem uma função estratégica na coleta de um maior número e variedade de informações sobre o trabalho docente e os percursos de aprendizagem”. (HOFFMANN, SILVA, ESTEBAN, 2010, p.16). Quanto mais informações sobre os processos, melhor será a avaliação e o trabalho pedagógico, podendo ajudar o aluno a progredir de muitas maneiras. Se o professor se limita a um único instrumento avaliativo, não atinge os objetivos da aprendizagem: o desenvolvimento das habilidades e competências. Essa orientação já se encontra prescrita em deliberação recente do Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo:

Utilizar vários instrumentos e procedimentos, tais como a observação, o registro descritivo e reflexivo, os trabalhos individuais e coletivos, os portfólios, exercícios, provas, questionários dentre outros, tendo em conta a sua adequação à faixa etária e às características de desenvolvimento do educando. (SÃO PAULO, 2017)

Não cabe ao professor escolher arbitrariamente um instrumento avaliativo, ele deve ser planejado e estar inserido dentro de uma metodologia, de uma prática educacional adequada ao objeto a ser avaliado. “Diversificar não é simplesmente adotar vários instrumentos aleatoriamente, a avaliação é um campo teórico e prático que possui um caráter metódico e

pedagógico que atende a sua especificidade e intencionalidade.” (HOFFMANN, SILVA, ESTEBAN, 2010, p.17).

Avaliação formativa ou processual permite orientar e aperfeiçoar as aprendizagens, sem se preocupar em classificar, certificar ou selecionar; pode ser realizada de forma contínua e diversificada.

Durante o processo de ensino formativo, vão se trabalhando os conteúdos, tanto educador quanto educando pode reavaliar o processo de ensino-aprendizagem observando os resultados alcançados. Os educadores podem rever suas estratégias de ensino, o material pedagógico e empregar ações com intuito de que os alunos alcancem a aprendizagem, trabalhando com atividades como produções de texto, apresentações, trabalho em grupo, seminários entre outros.

A avaliação formativa caracteriza-se por um processo interpretação-intervenção sobre o desenvolvimento do ensino aprendizagem com a finalidade de garanti-lo, de aprimorá-lo, redirecioná-lo, enfim, de dar condições efetivas para que o ensino e a aprendizagem ocorram com sucesso. (...) Tanto o professor como o aluno devem ser capaz de corrigir suas ações, o que exigirá do professor uma variabilidade didática flexibilidade e vontade de adaptação e ajuste e, do aluno, uma autonomia crescente sobre seu processo formativo. (HOFFMANN, SILVA, ESTEBAN, 2010, p. 40-42).

Isso implica que o educador precisa estar em constante formação, pois se espera dele, diante das dificuldades encontradas no processo de aprendizagem, uma versatilidade didática, de modo que se consiga atingir o objetivo principal, a aprendizagem, o educando deve ter consciência do caminho a percorrer e as formas de aprendizagem que lhe são possíveis.

O processo de exercício de metacognição (capacidade de se autoavaliar, mas não no sentido de dizer-se capaz de algo ou não, mas no sentido de tomar consciência de seus próprios percursos de aprendizagem), tem suas concepções voltadas para avaliação formativa, a aprendizagem transcorre em um processo interacional em que educandos e educadores atuam juntos na elaboração de um novo conhecimento.

Assim, além de ser uma experiência comprometida com a construção da autonomia do sujeito, o exercício de metacognição está intimamente ligado à avaliação formativa, à avaliação que tem o compromisso com a garantia da aprendizagem e do sucesso do aluno. Dessa forma, quanto mais alunos forem levados a explicitarem suas necessidades, suas dificuldades, suas características e formas de aprender/estudar, tanto mais nos apontarão e a si próprios pistas de ação para superarem problemas e/ou avançarem e investirem naquilo que conseguem fazer mais facilmente. (HOFFMANN, SILVA, ESTEBAN, 2010, p. 43)

A Avaliação Diagnóstica, entendida como ato de avaliar através da observação, pode ser aplicada no início ou durante um processo ensino-aprendizagem, pois por meio dos

resultados obtidos serão delimitadas as estratégias de intervenção e apoio pedagógico ao desenvolvimento do aluno.

Não é apenas no início do período letivo que se realiza a avaliação diagnóstica. No início de cada unidade de ensino é recomendável que o professor verifique quais as informações que seus alunos já têm sobre o assunto, e que habilidades apresentam para dominar o conteúdo. Isso facilita o desenvolvimento da unidade e ajuda a garantir a eficácia do processo ensino-aprendizagem (HAYDT, 2000, p. 20).

A Avaliação Somativa, utilizada para certificar um conhecimento, tem ênfase nos resultados a serem obtidos e não nos processos educativos; traz uma real ideia de aprovação ou reprovação, exercendo função classificatória. “Testes e provas, se o professor os aplica para simplesmente constatar tais resultados em graus numéricos temos aí dois procedimentos que contribuem fortemente para a concepção de avaliação sentenciva ou classificatória”. (HOFFMAN, 2014, p. 72).

5. Processo de Avaliação.

Avaliação tem como seu desígnio principal direcionar o caminho mais adequado para educador e educando seguirem, com propósito de alcançar o sucesso no processo ensino-aprendizagem. Para que se alcance o objetivo desejado, precisa ser inclusiva, pois através dos resultados obtidos nessa avaliação é que o educador saberá em que etapa do desenvolvimento o educando está, quais suas dificuldades para que esses pontos possam ser melhor trabalhados.

Talvez os problemas do educador no processo de avaliação tenham início no momento em que ele esteve no banco da escola como educando. “Sentimentos negativos em relação às provas vão sendo desenvolvidos ao longo dos anos de escolarização” (GATTI, 2003, p. 103) Muitos educadores tiveram como ensinamento os métodos de memorização de determinados questionários para fazer uma avaliação, por isso à dificuldade para mudanças; acreditam ainda que apenas um instrumento avaliativo como a prova pode definir com clareza a vida escolar do aluno.

Por esses motivos, as mudanças no processo avaliativo englobam toda a comunidade escolar, pois cabe à gestão auxiliar o professor no processo do qual ele ainda interioriza a rejeição à mudança. “Não se faz avaliação sozinho, porque apenas se pode avançar nesse sentido modificando bastante profundamente a cultura da organização escolar, não só em escala de sala de aula, mas também de estabelecimento.” (PERRENOUD, 1999, p.152).

Mudança essa que irá orientá-lo a utilizar diversos instrumentos de avaliação para poder analisar melhor o nível de conhecimento adquirido pelo seu aluno.

O aluno deixou de ser um mero receptor de informações e começou a dialogar com o educador, passou-se a respeitar a bagagem de conhecimentos que o educando já traz. Essa troca de informações é de suma importância para o processo ensino-aprendizagem, pois acrescenta conhecimento em ambas as partes envolvidas.

Os alunos de uma mesma escola e de uma mesma turma têm histórias e representações sociais muito semelhantes, bastando ao professor colher algumas concepções para saber qual a forma de pensar da maioria dos alunos e trabalhar nelas. (MORETTO, 2010, p. 52)

Espera-se da avaliação, principalmente do instrumento avaliativo prova, que seja parte do processo avaliativo, como instrumento, aplicação de toda energia e conhecimento adquirido a fim de se obter informações sobre uma parte do processo.

6. Considerações Finais

Este artigo procurou apresentar uma reflexão sobre a prática de avaliação no sentido de captar avanços na aprendizagem dos alunos, salientando que o ato de avaliar vai muito além da utilização de um único instrumento avaliativo.

Consideramos que todos os instrumentos avaliativos podem ser eficientes se forem utilizados para favorecer a aprendizagem, em suma, a prova pode ser um excelente método de avaliação desde que seu papel não seja o de exclusão. A busca por aprimorar os conhecimentos acerca da avaliação, de maneira teórica, pode em muitos aspectos auxiliar os educadores na prática avaliativa através de um planejamento com metodologia educacional adequada ao objeto a ser avaliado.

A postura da família em relação à avaliação, com olhar mais participativo e colaborativo, ao invés de somente cobrar os resultados, promove mudança na forma pela qual escola e professores reconhecem a avaliação.

O intuito deste trabalho não é de condenar as formas como a avaliação vem sendo praticadas em nossas escolas, mas de salientar a importância da mudança de postura perante a avaliação, sabendo que, se planejada, a avaliação culmina no objetivo maior da escola, que é o processo de ensino-aprendizagem, de forma que componha satisfatoriamente a formação do aluno, onde possamos cada vez mais observar qualidade nesse processo.

6. Referências bibliográficas

BRASIL, MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n. 9394/96. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>, Acesso em 29 abr. 2018.

GATTI, Bernardete A. O professor e a avaliação em sala de aula. **Estudos em avaliação educacional**, n. 27, p. 97-114, 2003.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.

HOFFMANN, J. **Avaliação: Mito & Desafio: Uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2014.

HOFFMANN, J.; SILVA, J. F.; ESTEBAN, M. T. **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas** em diferentes áreas do currículo. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Entrevista concedida ao Jornalista Paulo Camargo, São Paulo, publicada no caderno do Colégio Uirapuru, Sorocaba, estado de São Paulo, por ocasião da Conferência: Avaliação da Aprendizagem na Escola, Colégio Uirapuru, Sorocaba, SP, 8 de outubro de 2005.

LUCKESI, C. C. Considerações gerais sobre avaliação no cotidiano escolar: **Entrevista concedida a Aprender a Fazer**. Publicada em IP – Impressões Pedagógicas, publicação da Editora Gráfica Expoente. Curitiba, PR, nº 36. 2004. p. 4-6.

MORETTO, V. P. **Prova: Um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. Rio de Janeiro, Lamparina, 2010.

PERRENOUD, P. **Avaliação: Da Excelência à regulação das aprendizagens: Entre duas lógicas**; tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MARIANO, M. Caminhos da avaliação para Aprendizagem. (Trabalho de Conclusão de Curso) Faculdades Integradas Regionais de Avaré (FIRA). Avaré, 2017.

SÃO PAULO (Estado). **Deliberação CEE 155/2017**, que “Dispõe sobre avaliação de alunos da Educação Básica, nos níveis fundamental e médio, no Sistema de Ensino de São Paulo e dá

providências correlatas”. Disponível em: <<http://iage.fclar.unesp.br/ceesp/textos/2017/673-88-Delib-155-17-Indic-161-17.pdf>>, Acesso em 29 abr. 2018.